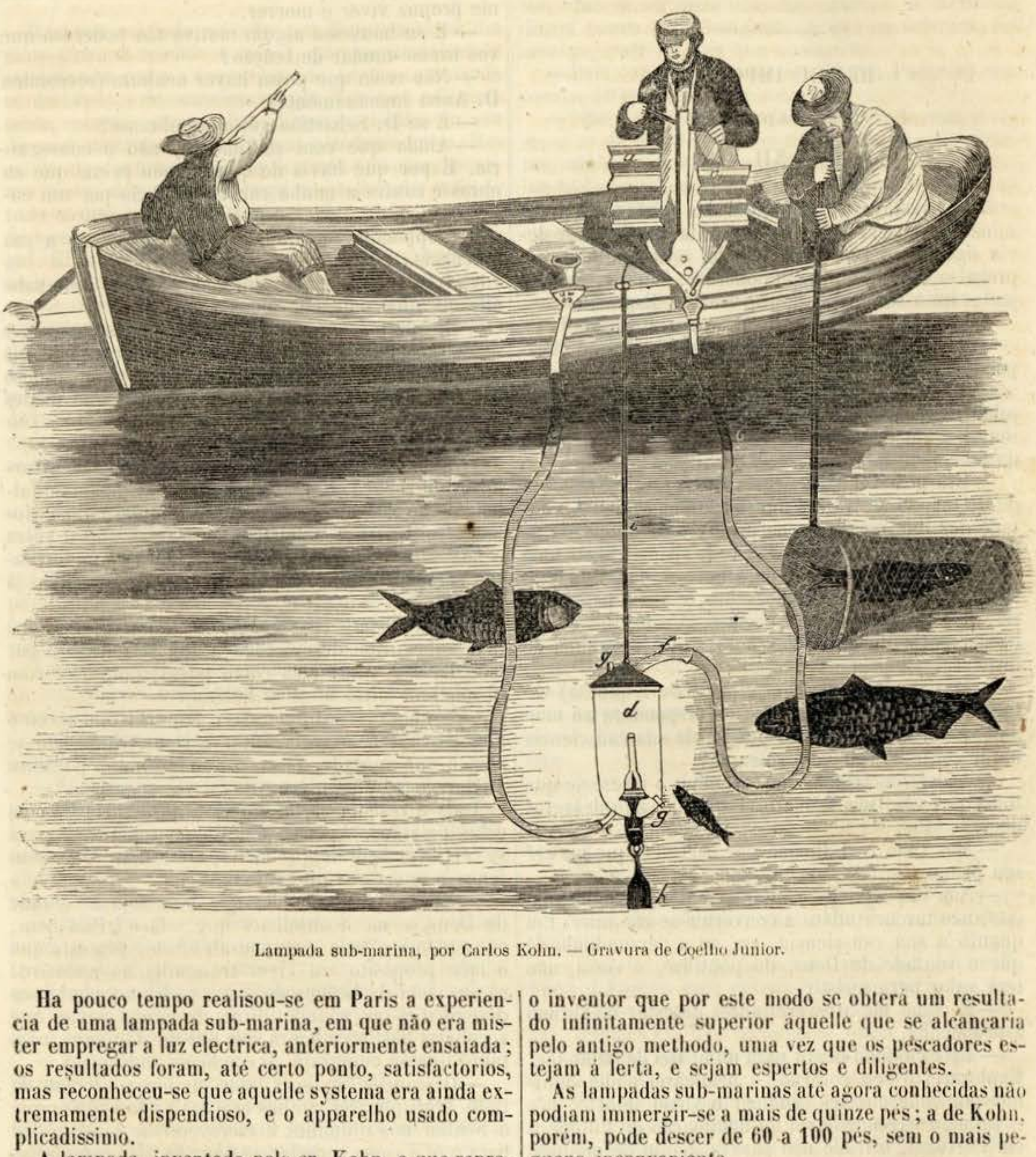



Lampada sub-marina, por Carlos Kohn. — Gravura de Coelho Junior.

Ha pouco tempo realisou-se em Paris a experiencia de uma lampada sub-marina, em que não era mister empregar a luz electrica, anteriormente ensaiada; os resultados foram, até certo ponto, satisfactorios, mas reconheceu-se que aquelle systema era ainda extremamente dispendioso, e o apparelho usado complicadissimo.

A lampada, inventada pelo sr. Kohn, e que representa a nossa gravura, reune todas as condições de simplicidade e economia.

Póde este apparelho prestar-se facilmente a variadas applicações, devendo mórmente ser de incontestavel utilidade, quando se careça de examinar o fundo dos navios, para explorar os depositos de ambar, para auxiliar os mergulhadores em todas as suas arriscadas operações e trabalhos, e finalmente para pescar é de uma grande vantagem.

É bem sabido que, pondo-se uma luz na prôa de um bote, o peixe, ávido de claridade, acode logo á superficie da agua, onde é fisgado pelo pescador attento; é o que nós chamâmos *pescar ao candeio*. A lampada de Kohn mergulha-se, porém, até á profundidade que se deseja, e logo que se percebe que o peixe tem accorrido em bastante copia, vae-se levantando o apparelho pouco e pouco até quasi á superficie, e ahi procede-se do modo costumado. Afiança o inventor que por este modo se obterá um resultado infinitamente superior áquelle que se alcançaria pelo antigo methodo, uma vez que os pescadores estejam á lerta, e sejam espertos e diligentes.

As lampadas sub-marinas até agora conhecidas não podiam immergir-se a mais de quinze pés; a de Kohn, porém, póde descer de 60 a 100 pés, sem o mais pequeno inconveniente.

Já até se projecta illuminar, mediante alguns d'estes apparelhos, a cidade de Leba, submergida no fundo do Baltico; estando o tempo sereno e a agua bem cristallina, não será extremamente difficultoso examinar minuciosamente por este meio as ruinas que ainda devem existir d'aquella cidade.

Eis-aqui a explicação das indicações que apresenta a gravura.

*aa* são dois pequenos folles quadrangulares. *b* tubos de folha de ferro, aos quaes estão fixadas duas mangueiras de gutta-percha. Aparafusada aos tubos ha uma peça, que segura o apparelho á borda do barco. *cc* mangueiras de gutta-percha. *d* lanterna de vidro. *e* pequeno tubo de latão, fixado na extremidade de uma das mangueiras, por onde se renova o ar d'entro da lanterna. *f* tubo communicando com a outra mangueira; tampa de metal, hermeticamente ajustada á lanterna. *gg* dois orificios, que podem

vedar-se perfeitamente com rolhas de cortiça; servem para accender a luz, antes de começar a funcionar o apparelho. *h* peso de chumbo para o manter em equilibrio. *i* cabo para suspender e collocar a lanterna do modo mais conveniente.

P.

---

## REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XII.

Ainda restava a frei Miguel dos Santos um preliminar a vencer. Tambem entendia que o amor devia figurar no seu vasto enredo, e determinou empregal-o como um agente poderoso. Um dia, em que jantavam a sós, perguntou o frade a Espinosa:

— Que vos tem parecido D. Anna d'Austria?

— Joven, graciosa, ingenua como um anjo (respondeu o pasteleiro).

— É verdade (acrescentou o frade) e tanto que a julgo digna d'uma coroa. Não é assim? Duvidarieis sental-a um dia a vosso lado, e fazel-a participante da felicidade que vos espera?

— Era possivel. Mas seus votos....

— Quando se trata d'um rei não ha votos. A vontade dos reis escuda-se no pretexto da felicidade de seus povos, e isto cohonesta tudo. Além d'isso uma dispensa de votos não é cousa nova no mundo: tem-se concedido a outros monarchas, e até a particulares, por circunstancias especiaes. N'este caso eu me encarregaria de obter do santo padre as bullas de dispensa.

— Mas ainda que assim seja (disse Espinosa) estaes seguro de que D. Anna corresponderá ao meu amor? Permittir-lhe-ha a pureza de sua consciencia obrar contra o seu voto solemne?

— A deferencia com que vos olha, o interesse que toma por vós, me fazem crer que lhe não desagradaes.

— Mas tudo isso dimana por certo de que me crê seu primo.

— Não importa. Esse interesse que o sangue suscita, não tardará talvez a converter-se em amor. Em quanto á sua consciencia, em eu a persuadindo de que é vontade de Deus, do pontifice, e vossa, não terá valor para resistir.

— E como me atreverei antes de estar no throno a propor-lhe....

— Esse cuidado ficará para mim. Hei de fallar-lhe. Explorarei o seu coração, e praticarei n'elle caminho por onde possaes conduzir o vosso amor.

Inimigo irreconciliavel da dominação de Filippe II em Portugal, o frade não parava diante de nenhum meio para a incommodar de qualquer modo. Nem sequer escrupulisava em fazer de mercurio d'amantes! Frei Miguel e Espinosa ficaram d'accordo. D. Anna, que recebia sempre o seu confessor como a homem inspirado, facilitou, sem o saber, ao corretor do pasteleiro occasião proxima de abordar a questão. Fallando em geral do estado dos negocios do supposto rei, e das bem fundadas esperanças que nutriam de que mui depressa o veriam sentado no throno, perguntou o frade:

— E vós, senhora, não vos alegrarieis em acompanhal-o?

— Com muito gosto o veria voltar ao throno, e admiraria o enthusiasmo com que o recebiam seus vassallos, mas não póde ser.

— E porque não? (acudiu frei Miguel). Talvez para então hajam cessado todos os inconvenientes.

— Em verdade não vos comprehendo, meu padre. Não será a clausura a mesma então do que agora?

— Pois essa clausura póde desapparecer, se vós quizerdes....

— Não, jámais pretenderei sair do mosteiro, onde me propuz viver e morrer.

— E se houvesse algum motivo tão poderoso que vos fizesse mudar de tenção?

— Não creio que possa haver nenhum (respondeu D. Anna ingenuamente).

— E se D. Sebastião vol-o supplicasse?

— Ainda que com sentimento, não o conseguiria. E por que havia de querer meu primo que eu obrasse contra a minha consciencia? Só por um capricho....

— Supponde que queria dividir comvosco a sua felicidade....

— Não posso suppor similhante cousa. Bem sabe elle que lh'o impedem meus votos.

— É que o santo padre dispensaria esses votos, e então com toda a segurança de consciencia poderieis no esplendor do throno, e nos braços d'um esposo que vos idolatraria, exercer as virtudes que tendes aprendido no mosteiro.

— Ainda assim não me decidiria.

— Pois, senhora, forçoso é decidir-vos, e tratarmos sem rebuço. Encarregou-me vosso primo de fallar-vos do seu amor. Tem por vós uma paixão violenta, e declara-se infeliz se recusardes unir a vossa á sua sorte. Agora escolhereis. Querereis acrescentar mais tormentos aos muitos que D. Sebastião já soffre?

— Meu Deus! (exclamou D. Anna commovida) bem sabeis que desejo toda a sua felicidade e por ella daria a vida! Mas como posso comprazer com el-rei, sem faltar ao meu Senhor?

— Senhora (continuou frei Miguel com accento dogmatico) como seria faltar a Deus, conformar-se com a sua vontade, fazer o que o summo pontifice auctorisaria, e seguir o que eu vos aconselho?

Toda a resistencia da monja ficou desarmada com estas palavras. Apenas pôde como repetil-as, para se certificar bem do que ouvia, e era uma como sentença a que tinha que sujeitar-se.

— E vós, padre, crêdes que essa seja a vontade de Deus, e me aconselhaes que o faça? Pois bem; encarrego-vos toda a responsabilidade: protesto que o meu proposito era viver tranquilla no mosteiro: só em vista da licença do santo padre accederei aos desejos d'el-rei, a quem direis da minha parte, que acceitarei gostosa a honra com que me distingue, com tanto que se cumpram as condições indicadas.

— Descançae, senhora, que eu me encarrego de tudo. Multiplicarei minhas orações e jejuns, para que o Senhor nos illumine; e escreverei ao santo padre para que a vossa consciencia fique de todo tranquilla. Entretanto dae vossa palavra ao rei, manifestae-lhe carinho, e assim proporcionareis grande consolação ao seu animo atribulado.

D. Anna d'Austria cedeu, porque não sabia resistir ao ascendente que o confessor tomára sobre ella, mas sempre depois manifestou desejo de fazer unicamente a vontade de Deus expressa pela bulla do santo padre e pelas seguranças que lhe promettia o seu director espiritual. Frei Miguel triumphava por toda a parte. Os que até então se olhavam como primos, começaram a tratar-se como amantes. Instruido da resposta de D. Anna, Espinosa mostrava-se cada vez mais delicado e obsequiador, e quando estava na presença da religiosa esquecia ou fingia esquecer os negocios de rei para entregar-se todo ao enthusiasmo do amor. D. Anna, na sua candida sinceridade, não podia ser insensivel a tantas provas de affecto, e ao seu risonho porvir; mas jámais seus

labios trahiram a sua pureza, nem seu coração palpitou esquecido da vontade suprema a que se cingia e com que se escudava.

XIII.

D. Anna era toda cuidados por Espinosa, cada dia mais galan e rendido á monja, que insensivelmente ia tomando gosto á linguagem do amor, e perdendo os escrupulos de consciencia que d'antes a affligiam tanto, graças aos conselhos despreoccupados do seu director espiritual! Frei Miguel não descançava. Resolvia de continuo em sua fecunda imaginação novos meios de segurar a empreza, e lançava mão de tudo o que podia contribuir a afiançar mais a idéa de que o pasteleiro era D. Sebastião, rei de Portugal. Recordando-se do que em Guimarães succedêra ao licenciado Mendo Pacheco, começou a instal-o em cartas repetidas para que deixasse Lisboa e se fosse estabelecer em Madrigal, segurando-lhe interesses e protecções valiosas. Pensava, e com razão, que se o medico chegasse a affirmar que o pasteleiro era o mesmo que havia curado, ninguem haveria já que duvidasse que elle era o proprio D. Sebastião. A principio resistiu o medico ao convite; depois deixou-se seduzir pelas promessas.

Transferiu-se em fim a Madrigal, onde frei Miguel o recebeu com muitissimas demonstrações de affecto, e lhe renovou as promessas feitas por escripto, convidando-o a visitar D. Anna d'Austria dentro em poucos dias. Assim o verificaram. A religiosa pediu-lhe para que lhe referisse o que lhe succedêra com o enfermo de Guimarães, e Mendo Pacheco não se recusou a contar-lhe o que o leitor já sabe.

Acabava o medico de repetir a sua historia, quando frei Miguel com intenção maliciosa lhe perguntou:

— E se visseis o que então curastes, reconhecel-o-hieis?

— Já ouvistes (respondeu o medico) que teve sempre coberto o rosto, e por isso não posso reconhecel-o.

— Mas nem pela estatura, nem pela configuração, nem por algum outro signal, poderieis vir no conhecimento de ser o mesmo? (tornou o frade com visivel inquietação).

— Inda que pouca idéa se póde formar de um homem, a quem sempre se viu na cama, poderei entretanto dizer, pouco mais ou menos, se tinha alguma qualidade similhante, e muito mais se eu vir a cicatriz da ferida curada. O que não posso em consciencia é assegurar nunca que é o mesmo individuo.

— E conhecestes el-rei D. Sebastião antes da sua jornada d'Africa? (perguntou D. Anna).

— Perfeitamente (respondeu Mendo): vi-o muitas vezes, e ainda conservo mui fresca na memoria a impressão da sua physionomia.

A entrada d'Espinosa interrompeu aqui o dialogo. O pasteleiro com muita magestade e desenfado lhe fez algumas perguntas a respeito de Portugal, como quem conhecia e percorrêra boa parte d'elle. Fallou com os outros de cousas insignificantes, e segundo frei Miguel lhe havia préviamente insinuado, foi breve, e retirou-se.

— Observastes este homem que saiu? (perguntou o frade ao licenciado).

— Não me recordo de o ter visto nunca (respondeu Mendo Pacheco).

— Olhastes bem para elle?

— Perfeitamente, que logo notei que o seu tom imperioso, e maneiras distinctas, estavam em contradicção com o seu traje humilde. Chamou-me com isso a attenção, e fez que o observasse com cuidado.

— E não encontraes n'elle alguma similhança com o vosso enfermo de Guimarães?

—Como já disse, que nunca vi o outro senão deitado, nada posso dizer. Parece-me entretanto que....

— Que é o mesmo, não é verdade? (disse D. Anna com interesse e anxiedade).

A freira parecia dependurada dos labios do doutor, que ia ser para ella um oraculo. A incerteza durou pouco. O desengano, se não foi solemne, foi amargo, para os dois que escutavam.

— Pelo contrario (respondeu Mendo Pacheco) este parece de mais edade, e mais magro.

— Não é para admirar (acudiu o frade com viveza, e ar de convicção): ha nove annos que o curastes, não é assim? Os trabalhos que tem passado ter-lhe-hão causado essa pequena variação. Mas não dissestes que antes da sua partida para Africa conhecieis el-rei?

— Exactamente (disse o medico).

— Pois então não duvido que encontrareis grande similhança entre este homem e D. Sebastião. Não vos parece?

O medico não respondeu logo, e reflectiu. As perguntas que lhe tinham feito punham-n'o de prevenção. Lembrou-se das galés e trabalhos que padecêra em outro tempo. Isto, ou o que em verdade sentia, o fizeram dizer com resolução, depois de breve silencio:

— Não encontro similhança entre este pasteleiro e D. Sebastião.

— Não vos estranho a resposta (lhe tornou frei Miguel, com affectada doçura), porque como o dizer a verdade vos custou n'outro tempo tão caro, pensaes que agora seria o mesmo. Pois enganaes-vos. O senhor D. Filippe II é monarcha summamente justo, e longe de pesar-lhe que D. Sebastião esteja vivo, ha de alegrar-se muitissimo recebendo tão agradavel noticia. Se vós não desaproveitaes esta occasião, e o reconheceis, como é justo, a senhora D. Anna escreverá a sua magestade, e vos recompensará como mereceis. Fallae com franqueza, e dizei se se lhe parece.

— Nem de mil legoas! (respondeu o medico).

— Com que (disse D. Anna) empenhaes-vos em negar o que o mundo reconhece, e vós mesmo estaes vendo?

— Senhora, disse que não encontro similhança nenhuma, e é inutil molestar-me, porque não direi outra cousa. Não se parece em nada, em nada absolutamente.

— Pois retirae-vos da minha presença (disse D. Anna d'Austria com enfado): vós portuguezes, sois tão soberbos, que, pois o vêdes n'esse traje tão vulgar, teimaes em não reconhecer vosso rei e senhor!

O medico, cada vez mais maravilhado do que via, e mal podia entender, saíu do locutorio, receoso e aturdido. A que podiam dirigir-se tantas perguntas, e tão obstinado empenho em que confessasse, que aquelle mofino pasteleiro era D. Sebastião? Frei Miguel mal podia reprimir a colera depois da negativa do medico. Era até alli o unico em quem havia encontrado resistencia. Mas dissimulou, esforçando-se por corroborar a idéa de D. Anna, de que Mendo Pacheco o havia negado por vaidade nacional.

O transtorno d'este incidente não impedia entretanto que o eremita proseguisse com ardor na sua intriga. Já seus emissarios haviam começado a divulgar em Portugal que el-rei D. Sebastião vivia, e estava em Madrigal, villa de Hespanha, a tres legoas de Valladolid. Os que estavam iniciados no segredo affectavam acredital-o, e citavam varias pessoas que o tinham visto, e lhe haviam fallado. Outros expediam pessoas de confiança para que o vissem, e os informassem da verdade: e como frei Miguel dos Santos era homem acreditado e estimado em Portugal, onde se fazia tão alta idéa da sua sciencia e virtude, os mensageiros vinham regularmente dirigidos a elle,

e a maior parte ou não viam o pasteleiro, ou o viam de noite, ou em habitação de pouca luz, e sempre depois das prevenções do frade; tornando todos a Portugal tão satisfeitos e contentes de terem visto o seu rei, que isto juravam e asseguravam aos que os tinham enviado, de modo que esta voz andava por todo o reino espalhadissima.

---

## BANHOS D'OEYNHAUSEN OU DE REHME.

Sob estes dois nomes são conhecidos estes banhos, desde o seu principio, tanto no paiz como no estrangeiro.

São frequentados annualmente por um numero sempre crescente de doentes. Em 1845 passaram de vinte mil.

A origem d'estes banhos data d'um acaso. Desde 1750 existia n'uma das mais romanticas regiões da Westfalia, a salina Neusalzuerk, uma das maiores da monarchia da Prussia.

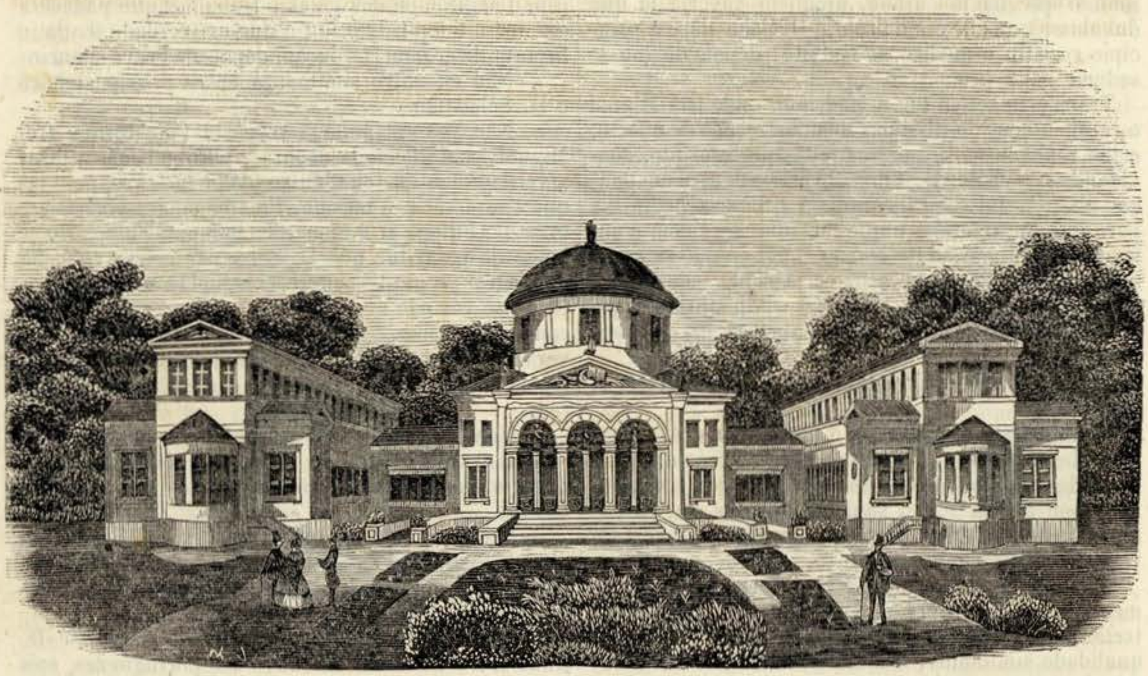
Esperando achar-se alli um grande deposito de sal mineral, fez-se em 1849 um furo artesiano, que, apesar de não alcançar o que se propunha, fez epocha na sciencia descendo a 2220 pés.

Em logar de sal mineral o furo produziu uma fonte de qualidade mui particular: tinha $4^1/_2$ por cento de partes fixas, e n'estas $3^1/_2$ por cento de sal commum, e, sem fallar d'outros elementos, quantidade d'oxidulo de ferro, e mais $^3/_4$ volume d'acido carbonico, tudo n'uma temperatura de 26,5 Réaumur, produzindo 40 pés cubicos por minuto.

Vista a utilidade da descoberta o governo resolveu comprar a propriedade em que estava a nascente para fundar um estabelecimento de banhos.

Estes banhos podem realmente intitular-se Banhos Reaes, em vista das consideraveis despezas que n'elles fez o Estado.

A affluencia a estes banhos nasce principalmente



Vista da casa de banhos d'Oeynhausen.

das suas virtudes na cura das molestias chronicas mais vulgares nas classes elevadas da sociedade, como são: paralysia, gotta, molestias nervosas, cerebraes, dorsaes, rheumaticas, etc.

Da entrada principal passa-se primeiro a um pateo fechado pelos lados salientes do edificio, cujos ornamentos de relva prendem em linhas architectonicas com o caracter do edificio. Uma escada conduz ao edificio central, que se distingue pela sua cupula grandiosa. Antes d'isso, porém, entra-se n'um portico corinthio, que fórma a entrada nobre. Figuras symbolicas, collocadas em cima das portas, nos levam a adivinhar o destino do edificio. Á direita e esquerda sofás bem dispostos convidam a repousar. D'ambos os lados da porta da cupula duas figuras allegoricas apontam o duplo fim da utilidade e da belleza.

O estilo da nova eschola italiana faz lembrar os banhos dos romanos antigos, mas sem ter as suas gigantescas dimensões. Se por isso os banhos reaes d'Oeynhausen sempre se reputarão obra modesta; nenhum dos banhos modernos póde entretanto rivalisar com elles.

Os romanticos arredores e o jardim publico com seu bosque irregular e pittoresco, que nenhuns bosques e jardins d'outros banhos podem egualar, correspondem em tudo ás necessidades dos banhistas.

Da cupula entra-se para a direita e para a esquerda nas salas d'espera. Duas columnas jonicas caneladas e douradas formam as entradas. Em frente d'ellas, paredes de espelhos colossaes reproduzem o complexo. Luz abundante cáe pelas largas janellas sobre pinturas a fresco.

Entra-se, finalmente, por uma pequena passagem, nos corredores das partes do edificio que revelam o fim util da casa pelo fim mais material. Dizendo-se que cada um d'estes lados tem duzentos pés de comprido, e cada corredor cento e vinte pés, allumiados por trinta janellas na altura do segundo andar, tendo á direita e á esquerda trinta e seis cellas de banhos; com mais, ao lado do norte, um magnifico pavilhão tambem para banhos, e ao do sul outro de banhos d'emborcação (douches), é sufficiente para que se forme idéa da grandeza do edificio.

Os gabinetes dos banhos são altos e espaçosos, pin-

tados com simplicidade e gosto. As tinas são metade de madeira e metade de porcelana, parte rente do chão, e parte na altura de assentos, de maneira que os paralyticos (que constituem a maior parte dos affluentes) sentados na borda entram no banho levantando sómente as pernas.

Das galerias lateraes, com suas salas d'espera, uma é para senhoras, outra para homens.

O estabelecimento confina pela frente com a estrada. Pelos outros lados é immediatamente cercado pelo bosque, cujas folhagens e relva se desenvolvem de anno para anno; cuja sombra de faias e carvalhos já póde cobrir o triplo dos visitantes, e que quando elles tenham attingido todo o seu crescimento, o constituirão um dos maiores e mais magnificos bosques d'entre os de estabelecimentos d'esta natureza.

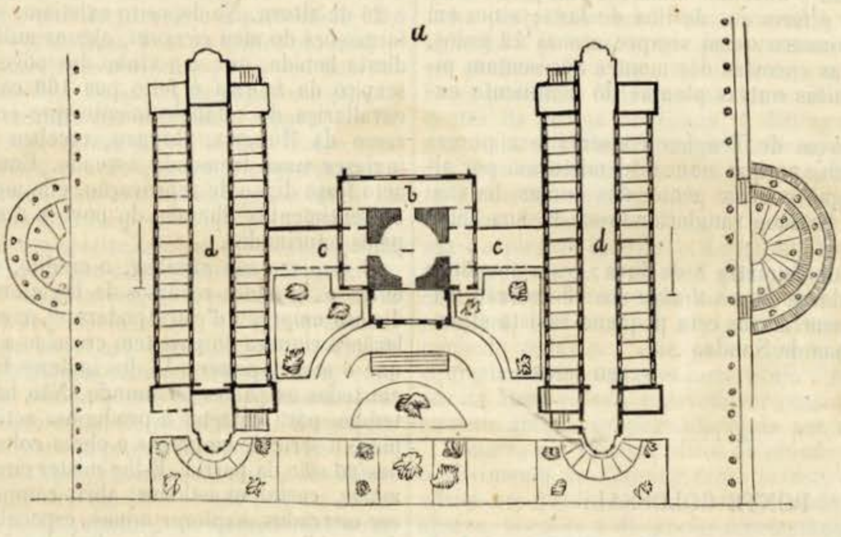
*H.*

## POVOS DE JAVA.

Distinguem-se os povos de Java dos de Sumatra, por viverem n'um estado de civilisação muito mais adiantado, o que é devido ao trato mais frequente que tem com a India. Houve tempo em que a influencia indiana se estendia a quasi toda a ilha; hoje, porém, predomina a influencia arabica, e o mahometismo substituiu o brahmenismo, excepto nas montanhas de Tengher. Estas montanhas, situadas a léste de *Surabaya*, parte no districto de *Pasuruan*, e parte no de *Probolingo*, apresentam os restos de um povo, que ainda professa a religião de Brahama, conservando os ritos e doutrinas d'ella.

Vive aquelle povo repartido por umas quarenta aldeolas, differentes em tudo das que se encontram em outras partes da ilha. As casas são construidas em terraços abertos e espaçosos, situados uns acima dos outros, e tendo cada um a sua casa, cujo comprimento anda por trinta até oitenta pés. A porta de cada morada fica a um canto, n'um aposento fronteiro áquelle em que está a chaminé; e esta, feita de tijolo, é tida em tal veneração, que não lhe póde um estrangeiro tocar sem commetter sacrilegio. Pela frontaria da casa corre uma varanda de oito pés de largura; e na parte superior ha uma especie de sotão, feito de vigas atravessadas, e que serve para guardar as alfaias de maior valia, e os instrumentos de agricultura.

PLANTA DA CASA DOS BANHOS D'OEYNHAUSEN.




*a* Jardim e bosque. — *b* Passeio coberto e sala para beber agua. — *cc* Salões de espera. — *dd* Gabinetes de banhos.

O maioral da aldeia chama-se *Petingi*, e tem como assistente um *kabayo;* são ambos de eleição popular. Quatro sacerdotes, denominados *dukúns*, são incumbidos de guardar as memorias do povo, e os livros sagrados; mas, com quanto sejam homens intelligentes, nada sabem dizer a respeito da sua origem, senão que succederam a seus paes no officio de depositarios d'aquelles livros, que hão de transmittir a seus filhos.

Aquelles *dukúns* servem de medianeiros nos principaes casos da vida. Quando se ajusta um casamento, o noivo e a noiva vão á presença do *dukún*, e fazem reverencia, voltados primeiro para o sul, depois para o lar, depois inclinam-se para a terra, e por ultimo rendem homenagem ao andar superior, em que se acham os instrumentos de agricultura. Feito isto, voltam-se respeitosos para o *dukún*, que recita uma oração, em tanto que a noiva lava os pés ao noivo; e termina-se o ceremonial com as offertas que os parentes fazem aos noivos, os quaes retribuem com folhas de bethel.

Celebra-se o consorcio quinze dias depois da ceremonia alludida; e este intervallo denomina-se *undang-mántú*.

Quando morre alguem na povoação, o cadaver é enterrado com a cabeça para a parte do sul (ao revez do que praticam os mahometanos), e fica separado do contacto da terra por meio de uma camada de taboas de bambú. Depois de cerrada a cova, cravam-se-lhe dois postes, um perpendicular ao peito, e outro sobre o ventre. Entre ambos os postes colloca-se um bambú escavado com a concavidade voltada para cima, e dentro da qual por espaço de alguns dias se deita quotidianamente agua limpa. Alli perto é uso pôrem-se tambem dois vasos com comestiveis, que todos os dias se mudam. Passados sete dias, congregam-se os parentes e amigos para celebrarem a festa do defuncto, a qual tem logar pelo theor seguinte.

Põe-se em sitio competente uma figura de folhas, ornada de flores, e a que servem de apoio os fatos do morto. Então o *dukún* põe diante da figura um vaso de incenso com brazas, e outro vaso com agua, e repete duas orações *(pujas)* dirigidas ao fogo e á

agua. Os vestidos do morto são depois repartidos pelos parentes e amigos; as flores queimam-se; repete-se outra oração, e fazem-se aspersões com a agua. Os circunstantes assentam-se, e imploram as bençãos do ceo para si, para as suas moradas, e para os campos. Não se faz nenhuma outra ceremonia, e aquella, que dita é, se repete passado um milhar de dias, se a memoria do finado se torna grata. No caso opposto, não se faz mais caso d'elle, e deixa-se em olvido.

Dizem estes povos, que crêem n'um *Deva*, que é omnipotente, e conhecido entre elles pelo nome de *Bumi-truca-sang-yang-devata-batur*. Os particulares da sua religião encerram-se n'um livro chamado *Panglavá*.

Raffle, que escreveu a historia de Java, diz que interrogou uma vez os povos das montanhas de Tengher sobre as penas comminadas ao adulterio, ao roubo, e a outros crimes; e que todos á uma responderam que não havia castigos determinados, porque taes crimes alli se não conheciam; acrescentando que, toda a vez que alguem praticava uma acção ruim, era reprehendido pelo maioral da aldeia, e que essa reprehensão bastava para um homem de Tengher entrar nos seus deveres. A verdade de tal dizer foi confirmada por muitas pessoas da ilha.

O conjuncto da população, de que temos fallado, andará por mil e duzentas almas, e occupa os sitios mais amenos e formosos da ilha de Java; sitios em que o thermometro quasi sempre accusa 42 gráos. Os cumes e as encostas dos montes apresentam pinheiros e muitas outras plantas do continente europeu.

Tem os povos de Tengher conservado a pureza da sua origem, porque nunca se misturam por aliança conjugal com a gente das terras baixas: d'isso fazem brazão, vangloriando-se da sua independencia.

Tratámos de Sumatra e de Java; resta-nos ainda Bornéo, aonde os povos *diakes* nos offerecerão materia para encerrarmos esta pequena revista ethnologica das ilhas de Sunda.

PEDRO DINIZ.

## PONTE COLOSSAL.

Um architecto allemão de Nova-York, mr. J. J. Riny, desenhou a planta para uma ponte sobre o rio oriental n'esta cidade, que communique a rua larga, Broad-street, com a Atlantic-street em Brooklyn, outra cidade situada em Long-Island, que tendo perto de 40:000 habitantes, é comtudo considerada um arrabalde de Nova-York. A extensão será, se for construida, de 5272 pés com 300 de largura, sobre seis arcos, e a altura desde a marcação da maré cheia terá 140 pés. Os arcos serão fabricados de maneira que os espaços dos intervallos sirvam para guardar petrechos de guerra, e a frente meridional da ponte para fortificação do rio; nas duas cabeças da mesma se abrirão canhoneiras para peças de grosso calibre; do lado do norte os pilares serão convertidos em armazens de generos; as abobadas do interior servirão de banhos, mercados, matadoiros, etc. As entradas da ponte serão para estação da alfandega, e posto militar, e um deposito de munições de guerra, que terá communicação com a residencia do governador da ilha (Long-Island) por meio de uma passagem submarina.

*M.*

## RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

### VIII.

Uma fabrica. — Oiro e credito. — O banco de Inglaterra. — Casa da moeda. — O Tunnel. — *London bridge*. — As docas.

A Inglaterra inteira é, a bem dizer, uma continua fabrica. Assim a tem feito a prodigiosa industria dos seus naturaes, a admiravel facilidade das suas communicações, e o avultado consumo, que ella sabe abrir aos seus productos. Não é pois em Londres que devem procurar-se os grandes laboratorios fabris. Manchester, Birmingham, Leeds, Ipswich encerram os melhores exemplares da fabricação ingleza. Todavia, mesmo na capital, observei um grandioso estabelecimento, que dá idéa do que devem ser os seus companheiros. Foi a fabrica de cerveja de mrs. Barclay & Perkins. Os edificios d'ella formam um pequeno bairro. Mil saccas de cevada são diariamente consumidas no preparo da cerveja. Na epocha de maior trafego 70 saccas de lupulo (20 libras cada uma) tem egual consumo. As tinas de fermentação e os taboleiros de resfriamento são de enorme capacidade, e monstruosas são, tambem, as cubas de deposito. Tem a configuração dos nossos balseiros, e estão collocadas sobre pilares a uma certa altura do chão. Seis d'entre ellas medem 40 pés de diametro e 26 de altura. No deposito existiam, segundo as informações do meu *ciceroni*, alguns milhares de pipas d'esta bebida, que é o vinho dos povos do Norte. O serviço da fabrica é feito por 160 cavallos. Foi na cavallariça do estabelecimento que em 1850 o carrasco da Hungria, Haynau, recebeu dos operarios inglezes uma tremenda assuada. Com quanto esse acto fosse digno de reprovação, elle mostra, todavia, os sentimentos liberaes do povo e a sua sympathia pelos opprimidos.

O oiro e o seu auxiliar, o credito, são os maiores entre os grandes recursos da Inglaterra. Com o judicioso emprego d'estes poderosos agentes da circulação a riqueza do paiz tem crescido a um ponto tal, que o *money-power* ([1]) dos inglezes faz-se conhecer em todas as partes do mundo. Não basta, ha muito tempo, para entreter a prodigiosa actividade britannica, a serie de emprezas e obras colossaes, intentadas no solo da patria. É-lhe mister circumnavegar os mares, cortar os isthmos, abrir caminhos, estabelecer mercados, explorar minas, especular com os fundos publicos, e emprestar dinheiro aos governos e aos particulares em todos os paizes do globo. Para se fazer idéa da enorme massa de capital posta em giro pelas operações fabris e commerciaes, pela mão do governo e da aristocracia, basta saber-se que, termo medio, circulam annualmente em Inglaterra 500 a 600 milhões de libras esterlinas em letras de cambio *(bills of exchange)*, emittem-se de 31 a 35 milhões de notas do banco *(bank-nots)*, e recebem-se mais de 50 milhões de impostos, dos quaes 27 são pagos aos credores do estado pelos juros dos 774 milhões de divida fundada. Os inglezes fallam sempre da sua divida nacional com uma especie de orgulho que não é de todo infundado. Quasi sós luctaram contra a Europa inteira, e venceram o grande capitão d'este seculo. O seu dinheiro serviu-lhes, pois, para sustentarem os interesses e a dignidade do paiz, e nem uma só libra foi dispendida para se gladiarem em lucta fratricida. Ha um seculo, em 1756, a divida de Inglaterra era de 74 milhões: a guerra da America elevou-a a 268 milhões: e as guerras com a França até 1815 fizeram-n'a subir a 885 milhões. Só no anno de 1814 o thesouro inglez gastou mais de 100 milhões de libras, quando toda a despeza em

(1) Poder monetario.

1792, incluindo os juros da divida publica, não havia chegado a 20 milhões. Por ser eminentemente caracteristico do patriotismo inglez, não devo calar o seguinte facto. Quando em dezembro de 1796 mr. Pitt quiz mostrar ao directorio francez quão grande era a facilidade que tinha de obter dinheiro para continuar a guerra, abriu a subscripção para um emprestimo de 18 milhões, que foi chamado *the Loyaley Loan*. ([1]) Em 50 horas e 20 minutos o total d'esta grande somma estava subscripto, não sem murmurio e desgosto dos que chegaram mais tarde.

Dois são, principalmente, os logares em que se exerce e d'onde se irradia a vida monetaria da Inglaterra — o banco e o mercado de fundos publicos e acções de companhias *(Stock-Exchange)*, em que se fazem diariamente centenares de transacções sobre aquelles valores, tanto inglezes como estrangeiros. Fallarei do banco, por ser o estabelecimento que mais chama a attenção do viajante.

O coração da riquissima Londres está no seu banco. É ahi que se negociam as numerosas letras de cambio. É ahi que se pagam os juros da divida nacional, e que se fazem importantes transacções com o governo. É ahi que os grandes proprietarios e banqueiros tem os seus fundos e as suas contas correntes. É ahi, finalmente, que se opéra n'uma escala prodigiosa a continua conversão do ouro em papel, e do papel em ouro. O edificio do banco é de uma solida e elegante architectura, e boa parte d'elle está construida á prova de fogo. Tem no centro um magnifico portico de columnas corinthias, e occupa uma superficie extensissima. Os salões da pagadoria são publicos; mas a entrada nas officinas e repartições internas depende de certas formalidades. Foi o meu officioso banqueiro mr. F. que me proporcionou e a um outro patricio, tambem viajante, a occasião de lá entrar. Depois de uma pequena demora, fomos introduzidos por um empregado ás diversas officinas da casa. Passámos, por alto, pelos encadernadores, e vimos com a maior attenção a estamparia com os seus dez prelos movidos a vapor, em que trabalhavam vinte operarios. Cada pressão que o prelo dá marca um algarismo no competente registro, e no fim da tarefa os estampadores são obrigados a apresentar um numero egual de exemplares. É uma invenção delicada para impedir a falsificação das notas, que antes d'estes aperfeiçoamentos era mui vulgar, chegando a ponto de, em 1818, vinte pessoas serem enforcadas por este crime. A numeração das notas é feita n'um engenho, que vae successivamente apresentando as cifras pela sua ordem natural. A machina é em ponto pequeno, e tem um cilindro movel, que lhe dá a tinta. A assignatura das notas tambem é feita por chancella, e não á mão, em virtude de uma lei especial. A officina em que se pesa o dinheiro em ouro contém sete machinas movidas por vapor, que separam as libras com peso legal d'aquellas que o não tem. Estas ultimas são golpeadas e devolvidas á casa da moeda para se fundirem de novo. Cada machina pesa por hora 200 libras. Atravessámos de corrida algumas contadorias e pagadorias, em que se via grande affluencia de gente, e, por fim, entrámos no thesouro, casa de mediana grandeza, toda cercada de armarios de ferro, com duas fechaduras cada um. N'um d'esses armarios cheio de notas mostrou-nos o respeitavel claviculario alguns maços d'ellas, de 1,000 libras cada uma, que valiam milhões. Por curiosidade tive nas mãos um d'esses pequenos volumes, cujo valor nominal era de um milhão de libras! Outro claviculario, egualmente ancião, abriu um armario cheio de saccos de libras de oiro. Cada armario contém umas 76,000 libras. Não podémos ver o deposito do ouro em barra, porque esse só o póde mostrar um dos directores. O banco de Inglaterra foi auctorisado n'um acto do parlamento em 1694. É regido por um governador, que tem 4,000 libras de ordenado, por um deputado-governador, e por vinte e quatro directores. A direcção é renovada pela terça parte todos os annos: oito directores são, portanto, eleitos pelos accionistas de 500 libras. O fundo particular do banco é de 14,553,000 libras, e a divida do governo ao estabelecimento orça por egual quantia. Em fevereiro de 1851 o banco de Inglaterra tinha na circulação 19,107,119 libras em notas!

A casa da moeda *(Royal Mint)* é um estabelecimento appropriado ás necessidades da circulação n'um paiz como a Inglaterra. Munido de um bilhete, alcançado pela legação portugueza, apresentei-me alli com alguns compatriotas. Vimos as diversas modificações por que passa o ouro desde que o estendem á fieira até que é cunhado. O processo de fabrico é o mesmo que se emprega na nossa moeda. Só a escala é que differe. De oito machinas de cunhar, que podem produzir por dia 105,000 libras, cinco estavam em exercicio. O tempo de trabalho é de nove horas. Admirei alguns bellos cunhos e medalhas, que foram apresentados na exposição de 1851 por mr. William Wyon, gravador em chefe da casa, que tambem abriu os cunhos para a nossa corôa de prata e meia coroa de ouro.

Na praça fronteira á casa da moeda observei dois individuos já edosos, que pelo vestuario mostravam ser *quakers*. Estavam, talvez, á espera do *omnibus*. Estes puritanos formam uma das muitas seitas dissidentes da egreja anglicana, e distinguem-se pelos seus habitos eminentemente pacificos, e pela pureza dos seus costumes. Não tem padres nem ceremonias religiosas em suas egrejas, bastando-lhes ouvirem o discurso de qualquer da seita, e dirigirem a Deus a sua «aspiração interior.» Ao mesmo tempo tornam-se singulares na vida civil por certas excentricidades. Tratam a todos por *tu*: não tiram o chapeo a ninguem, e recusam-se a pagar os impostos, não se oppondo todavia a que os executem pela quantia equivalente. Dão-se com justo titulo o nome de *amigos da humanidade*, e devem ser considerados como os mais antigos propugnadores da paz universal.

Londres e o Tamisa, vistos de grande altura sobre o pavimento de *Charing cross bridge*, ([1]) são com effeito um quadro arrebatador. Olhando por esse rio abaixo, vêem-se a distancias descommunaes diversas pontes de variada e magnifica architectura. A cidade, estendendo-se por um e outro lado, fecha o horisonte com a mole immensa de seus edificios. Não parece sómente uma cidade a que o espectador tem diante dos olhos, mas sim o acampamento de uma grande nação, em que as barracas são templos e palacios. Na terra em que tudo é magestoso até as aguas dos seus rios encobrem maravilhas, que a não estarem patentes pareceriam contos fantasticos. Costeando a margem esquerda do Tamisa, e descendo as estreitas e humidas ruas de *S.t Catherine e Wapping*, chega-se a um casebre de mesquinha apparencia, por onde se desce ao famoso *tunnel* de Londres. Á porta paga-se um penny. A escada é de uma profundidade consideravel, mas espaçosa e clara. Os muros interiores são decorados com algumas pinturas a fresco, representando paisagens. Entre ellas lembro-me do mui fallado e pittoresco lago de Killarny. O *tunnel* consta de duas galerias parallelas que se prolongam, na extensão de 1200 pés, de uma á outra margem do rio. É realmente solemne a impressão que se sente ao entrar n'essas abobadas subterraneas e sub-marinhas, em que o ecco dos passos se repercute ao longe, e a vista do observa-

([1]) Emprestimo da lealdade.

([1]) Ponte de Charing cross.

dor se perde na extensão das arcarias illuminadas. Ha no meio do *tunnel* um diorama com seu realejo. Lá observei as vistas das escaramuças entre os inglezes e os cafres, que então, á falta de cousas mais sérias, andavam na ordem do dia. Atravessei quasi só o resto da galeria, em cujo topo ha outra escada egual á primeira. Saí maravilhado da colossal grandeza da obra e da sua hoje quasi completa inutilidade. O plano de mr. Brunel, engenheiro do *tunnel*, era dar-lhe accesso a carruagens. Todavia as rampas em spiral não se construiram, e a esta circunstancia se póde attribuir, talvez, a pouca frequencia que alli se observa. Entretanto o *tunnel*, como monumento de sciencia, de energia e de magnanimidade, honra a nação que o emprehendeu. Começado a construir em 1825, foi por varias vezes inundado. Em 12 d'agosto morreram afogados dentro d'elle alguns operarios, e desde então até 1835 pararam os trabalhos. N'esta epocha o seu intelligente e incançavel engenheiro, sir Isambard Brunel, pôde alcançar novos fundos do parlamento, e a final, em 1837, conseguiu atravessar o rio, surgindo em Wassing pela primeira vez em 13 d'Agosto de 1841. O *tunnel* custou cerca de 400,000 libras.



Kuakers.

D'este ponto até *London bridge* vae um grande pedaço. Mas a vista d'esta soberba ponte, com a multidão que sobre ella gira, compensa a fadiga do passeio. Começada em 1825, á custa da municipalidade e sob o desenho e direcção de mr. Rennie, a ponte de Londres consta de cinco arcos de boa cantaria, dos quaes o do centro mede 228 palmos de abertura, sendo a extensão total do pavimento 1892 palmos. Esta obra é considerada como a primeira do mundo, no seu genero, e custou 506,000 libras.

Perto do *tunnel* estão as magnificas docas de Londres. Estas caldeiras podem conter 500 navios, e os armazens adjacentes são susceptiveis de accommodar 232,000 toneladas de mercadorias. Não póde descrever-se a immensa actividade que reina n'este logar. Milhares de individuos são empregados no transporte dos generos entre os navios atracados ao caes e os depositos mais ou menos proximos. Quando alli fui, a grande doca figurava um pinhal de mastros. O armazem dos vinhos, vastissima catacumba de pipas e quartolas, é de um effeito original. Acompanhado de um caixeiro de mr. F., que me proporcionou entrada n'este mysterioso recinto, percorri com o auxilio de uma lamparina *sui generis* as longas e interminaveis veredas do escuro subterraneo. Lá em certo ponto o nosso guia parou, e eu segundo o meu costume sentei-me, em quanto elle tirava alguns copos de vinho do Porto e de Bordeus, de que todos bebemos. Como ignoro quem fosse o dono dos taes barris, d'aqui lhe agradeço, na fé dos padrinhos, a confortavel e patriotica libação. Segundo me disseram havia alli 30,000 pipas de vinho: entretanto o deposito póde recolher o dobro.



Tunnel de Londres.

O armazem do tabaco é immenso. Mede 762 pés de comprimento por 160 pés de largura, sendo dividido ao meio por um forte muro com duplas portas de ferro: o governo dá por elle, de renda annual, 14,000 libras. O armazem do chá é, tambem, um edificio vasto, com tres pavimentos. As caixas d'esta preciosa folha estão empilhadas desde o chão até ao tecto em compridos corredores. Parece que existiam alli umas 300,000. Cada caixa paga de direitos, segundo me informaram, 10 libras. Uma grande parte d'este chá é destinada ao commercio do Baltico, da Russia principalmente. No armazem das sedas vi uma quantidade assombrosa d'esta mercadoria, fiada e em rama. A maior parte d'ella era proveniente da China, da Persia e da Turquia. Lembro-me de ter notado alguns bellos lenços e tapetes orientaes. As docas construidas de 1802 a 1804 por uma companhia custaram cerca de 4 milhões de libras esterlinas. De junho a novembro de 1850 entraram n'ellas para descarregar 685 navios procedentes de paizes estrangeiros. Desde 1805 os direitos são pagos na occasião em que as fazendas saem vendidas. As docas acham-se debaixo da superintendencia da alfandega, que paga renda aos proprietarios. Além d'estas ha algumas outras docas, entre as quaes se distinguem pela sua grandeza, tres vezes superior ás de Londres, as da *West India Dock*, e a mais moderna e proxima da *City* a *S.t Catherine Dock*. Esta ultima, construida em 17 mezes, de 1826 a 1827, sobre o terreno de 800 casas demolidas, apresenta notaveis aperfeiçoamentos na economia e expedição do trafego commercial. Os armazens são construidos á margem das caldeiras, e recebem as mercadorias immediatamente dos navios. Os proprios subterraneos tem aberturas ao lume d'agua, por onde entram os respectivos generos sem irem ao cáes. Um dos fortes guindastes d'este estabelecimento movido por 12 homens custou 2,000 libras. São immensas as vantagens que o commercio tem tirado do systema das docas e armazens. Além da economia nas despezas da descarga, antigamente feita em barcos, existe a segurança dos objectos descarregados, d'antes expostos ao roubo e á destruição sobre os cáes de desembarque. A navegação do rio ganhou, tambem, consideravelmente, porque os navios, entrando para as docas não obstruem a passagem das embarcações costeiras, que alli giram em curso incessante.

J. FELIX NOGUEIRA.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.